



NA MIRA

Murilo Ferraz Paulino
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Marcelo entrou em sua primeira aula do dia no colégio estadual militar onde trabalha no interior de Goiás. Era uma quinta-feira. O relógio na parede acima do quadro branco marcou uma hora. A sua rotina era marcada por aulas dadas durante a manhã em um colégio estadual civil da cidade. Durante a tarde ele ministrava aulas em um colégio estadual militarizado e à noite o seu destino era em um cursinho pré-vestibular. Tudo isto para complementar a sua renda e conseguir pagar as suas contas. Mas desde que começou a dividir as contas de seu apartamento no primeiro e mais novo condomínio da cidade com o seu amigado, ele vem pensando em largar um dos três serviços. E quem sabe conseguir ter tempo suficiente para se preparar para algum concurso público. Contudo, ele sabe que o último concurso para professor em seu estado ocorreu há muitos anos.

A aula tinha funcionado como de costume: Marcelo tentou trazer questionamentos aos alunos acerca dos conteúdos indicados pela secretaria de educação para serem trabalhados. E durante uma aula sobre escravidão no período imperial ele começou questionando o que a turma do sétimo ano B se lembrava sobre a escravidão. Um aluno citou a África, ao passo que Marcelo respondeu:

– Isso, Rafael! O continente africano é um bom primeiro passo pra gente pensar sobre a escravidão aqui no Brasil. Alguém pensa ou se lembra de outra coisa sobre esse assunto?

– Lei Áurea, professor. Lei Áurea! E princesa Isabel, a salvadora dos escravos. Eu vi na Internet – agora era a Laura que respondeu.

O comentário fez Marcelo dar uma leve suspirada e responder calmamente:

– Realmente, Laura. A Lei Áurea encerrou legalmente com a escravidão. É verdade. Mas a abolição é um processo bem complexo e a Isabel não foi bem uma salvadora, mas

vamos falar disso na próxima aula sobre a abolição. E o resto da turma, pensa em algo sobre o assunto? Talvez se lembrem de algo que vocês também viram na Internet, como a colega de vocês, ou na TV.

– Professor, meu pai falou que escravidão mesmo a gente tem hoje lá no país dos mongoloides, a China. Sabia, gente, que lá o povo trabalha até morrer e não aposenta? – disse Júlia, a filha de um militar aposentado da cidade, com convicção.

Em resposta ao comentário da garota, outros alunos questionaram com palavras ou com a expressão facial se isso era verdade mesmo. Eles queriam saber mais sobre e aguardaram com olhares afiados o que o professor tinha a dizer. Para o bem ou para o mal, seus alunos do sétimo ano B costumam prestar atenção no que ele tem a dizer em suas aulas.

Sabendo dos limites de sua atuação no colégio militar, por mais que mesmo sendo um professor de História ele ainda não tivesse sido repreendido explicitamente por algo que falou durante as aulas, Marcelo tentou lapidar com cuidado as suas palavras ao dizer:

– Então, algumas coisas que chegam pra gente hoje em dia na Internet ou na TV sobre a China acabam sendo muito exageradas. Pra começo de conversa, não é legal falar mongoloide, crianças. É racista – disse o professor com calma.

– É racismo? Mas pensei que racismo era só contra gente negra. Ou o racismo reverso contra nós clarinhos. Meu pai me explicou tudo esses dias, professor – respondeu Laura.

– Então as pessoas asiáticas, ou pessoas amarelas, não foram tratadas como as pessoas negras que foram trazidas do continente africano. Mas ainda eram tratadas como se valessem menos que os brancos. Quando, na verdade, só eram diferentes. Nem melhor, nem pior – disse o professor com uma calma calculada, para evitar ser mal interpretado.

– Professor, professor, você não tem vergonha de tentar doutrinar a gente assim, não? – é Maurício quem questionou com um olhar de raiva, este era outro filho de policial.

– Como assim, Maurício? – perguntou Marcelo, com receio de como esta conversa iria terminar.

– Ué, você tá defendendo os comunistas chineses falando que eles valem o mesmo que a gente. Isso é doutrinação – respondeu o garoto.

Marcelo foi preparado para isto. Trabalhar com educação básica sempre foi uma caixinha de surpresas desde o período no qual estagiava em escolas da capital goiana quando estudou na federal. O que ele não sabia é que a caixa que ele estava lidando era a de Pandora. Pois além do comentário afiado de seu aluno, há um olho ainda mais curioso que a câmera instalada no canto da sala ou os olhos das crianças do sétimo ano. Ele estava faminto captando

tudo o que o professor falava. Era a câmera instalada na traseira do celular de Pedro, que observou a discussão sem se manifestar.

Logo houve uma batida na porta. Duas. Três. Algumas crianças gritaram em uníssono:

– Professor! Professor Marcelo, tem alguém na porta!

Ele estava anestesiado pela acusação de Maurício. Então um dos alunos, que tinha a carteira mais próxima à porta na fila da parede, se levantou e a abriu. Quem estava do outro lado era Leonel Mendes. Ele era um policial tenente. O homem não estava no topo da hierarquia da escola, mas tinham alguns em posições inferiores a ele. Com a presença do policial, os estudantes se levantaram e ficaram em posição militar esperando ordens. Leonel se encaminhou para dentro da sala sem o aval do professor e exclamou:

– Descansar, alunos!

Todos entraram em posição de relaxamento, ainda de pé.

– Sentar, alunos!

Todos sentaram em suas respectivas carteiras. Alguns abaixaram a cabeça pelo sono. Outros sussurraram com os amigos das mesas mais próximas sobre a presença do policial.

– Será que teremos que ir para o sol quente de novo marchar? Que bosta – disse um sussurro inaudível para o policial que está à frente da turma.

Mas tudo o que Leonel teve a dizer, em uma competição implícita de sussurros com os alunos, foi:

– Ei, Marcelo. Tá tudo bem?

A fala foi acompanhada de tapas leves nas costas de Marcelo.

– Tudo. Tudo! – respondeu o professor vagamente.

O olhar de Marcelo não conseguiu esconder o caos que se instalou em sua mente. A sugestão que estava doutrinando as crianças o desarmou. Mesmo Leonel não sabendo dos detalhes, ele entendeu que tinha algo de errado.

– Por que não vai tomar água? Eu cuido da sala enquanto você sai – sugeriu o policial.

Não muito longe da turma do sétimo ano, turma “B” e sala de número 25, estava o coordenador disciplinar do colégio, o capitão Sérgio Matos. Ele observava as gravações das câmeras de todas as salas e corredores. Por coincidência, ele prestou atenção às telas do canto direito e viu a cena na sala 25. Ele ficou curioso com a movimentação, mas estava confortável demais em sua sala com ar condicionado no 18°C e com parte do fardamento militar aberto.

– O desgraçado do Mendes já está lá. Depois eu pergunto o que rolou – disse o capitão para si mesmo.

Durante a manhã do dia seguinte à aula de Marcelo, um pai aflito chegou à escola militar. Na portaria lhe foi dado um crachá indicando que ele é visitante. O homem de 45 anos parecia ter visto uma assombração.

– Eu quero falar com o diretor do colégio. Qualquer um. Pode ser o coordenador. O caralho que for. Mas eu tenho uma denúncia a ser feita. Eu sou o pai do Pedro, do 7º B. Meu nome é Carlos – arfou o pai da criança.

– Mas você pode me informar o que aconteceu? Que eu vou chamar o coordenador, pois acho que o diretor não veio hoje – perguntou a secretária Lúcia.

– Eu tenho os meus contatos na secretaria da educação. Qualquer coisa se não der em nada aqui, eu posso ir lá e botar a boca no trombone – afirmou o homem com desespero.

– Tudo bem, tudo bem. Vou chamar o coordenador e você explica tudo pra ele – concordou Lúcia após se render ao escândalo do pai.

Ela não tinha ideia do que houve, mas imaginou ser algo bem problemático pela reação do homem. A mulher então bateu na porta do coordenador disciplinar do colégio. Sérgio Matos viu Lúcia por uma das câmeras e exclamou com pena:

– Pobre mulher. Devia se aposentar antes da reforma que tá vindo aí.

Ele demorou um pouco para vestir a sua farda aberta. Então o homem, já vestido, destrancou a porta e a convidou para entrar.

– Capitão Matos, com licença – disse ela de cabeça baixa.

– Entre, entre. O que houve? Que cara é essa? – questionou o homem.

– É o pai de um aluno. Ele quer por tudo falar com alguém da escola. Parece que ele tem uma denúncia séria pra fazer.

– E o major Silva? – sugeriu Matos para deixar para outro a responsabilidade de lidar com mais um pai em surto.

– Ele não está, capitão.

– Ah! Você não consegue resolver? – disse o homem após uma raiva repentina que o dominou.

– Ele queria alguém grande daqui para conversar...

– E você é essa pessoa grande aqui, Lúcia. Te dou permissão para resolver. Agora vá. Vá, mulher, que o pai deve estar doido te esperando.

– Mas e se não der certo?

– Aí traz o homem aqui.

– Tudo bem. Se me permite, estou saindo.

– Claro, vai. Vai.

Após a confirmação do policial para que ela saísse, a secretária Lúcia se encaminhou em direção ao grande cômodo no começo do corredor onde era a sua sala de trabalho. O pai estava sentado em um dos bancos triplos de assento plástico a esperando.

– E aí? O que deu? – questionou o pai ao ver a secretária se aproximando.

– O coordenador disciplinar não está disponível. Eu mesma posso tentar resolver. O senhor pode me falar o que houve?

O pai do aluno foi vencido pelo cansaço e resolveu explicar a situação. Para isso, ele pegou o seu celular do bolso e mostrou um vídeo gravado por um aluno em sala de aula.

– É meu filho quem gravou na aula do professorzinho de história – ele explicou.

O conteúdo não disse muito à Lúcia. Para ela, o professor só falou que chineses eram gente e uma das crianças reagiu de forma estranha.

– Eu não entendi – disse a mulher, por fim.

– Como assim, mulher? Esse tal de Marcelo tá ensinando comunismo pro meu filho e você não entendeu o problema?

– Acho que é o caso de irmos ao coordenador mesmo. – Foi a única coisa que ela respondeu ao pai.

– Mas ele não estava indisponível?

– Deixou de estar. Vamos.

A secretária levou o homem ao Sérgio Matos, o coordenador disciplinar, e o pai explicou a situação após mostrar o mesmo vídeo que Lúcia conferiu minutos antes. Para o militar não foi complicado entender a indignação do homem perante as falas doutrinárias do professor. Até por que Marcelo tinha sido denunciado por uma mãe semanas antes e Sérgio Matos achou que poderia ser um engano, já que a mulher não tinha provas. Mas no caso deste pai, a situação era outra: ele tinha uma prova material contra o professor.

– Pode deixar, Carlos. O Marcelo tá na minha mira – ameaçou o militar.

Então ele fez um sinal de arma com a mão e apontou a sua mira imaginária em direção à gravação da sala onde o professor está dando uma aula. O gatilho da arma foi acionado com o movimento dos dedos abaixo do indicador.

O fim de semana de Marcelo foi gasto corrigindo provas e trabalhos de alunos do ensino médio e fundamental. Em meio a uma corrente de papéis que o engoliram em sua mesa, o professor se questionou se fez a escolha certa em entrar na área de educação para trabalhar.

– Caramba, viu, Leonel... Eu não sei se continuo nessa profissão se eu continuar sem ser efetivado.

– Calma, calma, Marcelo. Tá vindo mudança aí nas eleições pra governador. Eu tô sentindo. 2018 vai mudar tudo, eu tenho certeza. Quem sabe não vem um concurso aí pra professor de história? – sugeriu Leonel, que estava sentado na mesa do outro lado do quarto preenchendo uma documentação para subir na hierarquia militar.

– Eu conto com isso... só não sei se essa mudança aí vem pra piorar ou melhorar as coisas – respondeu Marcelo, sem muito ânimo.

Leonel e Marcelo se conheceram na escola militar. Apesar da inicial repulsa do professor com todos os policiais por questões ideológicas, uma atração secreta acabou surgindo. Ela os levou a iniciar um relacionamento e então viver juntos. Mas para quem os questionava sobre a relação dos dois, uma relação de parentesco era evocada pelos homens para mascarar a realidade.

Então a segunda-feira chegou e o capitão Matos logo procurou o professor Marcelo durante o período da tarde. Por coincidência, Marcelo estava dando aula na mesma turma onde foi acusado de doutrinação. Mas naquela segunda ele estava mantendo uma postura mais fechada enquanto dava a sua aula, sem abrir muito ao diálogo para evitar novos constrangimentos com parte dos alunos.

– Posso falar contigo, Marcelo? – questionou Matos à porta. A sua expressão facial era neutra.

Marcelo sabia que o verbo poder na oração era um mero eufemismo quando saía da boca dos policiais. Quando algum policial falava ali, o professor escutava e obedecia. No máximo, ele negociava.

– Claro. O que houve?

– Vamos ali fora, fazendo o favor. A minha sala está em manutenção com uns peões tentando mexer nos cabos pro sinal das câmeras voltarem a funcionar – ele disse e então apontou para a câmera da sala.

– Tudo bem, vamos sim...

Ao saírem da sala e se encaminharem pelo corredor, Leonel, que estava a postos, percebeu a movimentação. O olhar atordoado de Marcelo alertou o tenente que algo ruim tinha acontecido. Ele só não soube pensar no que era. Então para tentar entender a situação, ele se apresentou ao Sérgio Matos e disse estar disponível para ajudar no que for. A subserviência dele foi bem vista, e Leonel foi chamado para acompanhá-los. Como os alunos,

em sua maioria, estavam nas salas e Sérgio estava andando na frente deles, Marcelo e Leonel se comunicaram pelo olhar sem medo de possíveis comentários sugestivos pela troca de olhares. Então Marcelo sinalizou que não sabia o que houve. Leonel confirmou que não sabia também.

Eles chegaram ao lado de fora do pavilhão das salas de aula. Os policiais e o professor acabaram ficando na visão de uma das janelas da sala que Marcelo estava dando aula. Então com muito custo, parte das crianças se acotovelou para poder assistir ao diálogo. Aproveitando que as câmeras estavam em manutenção e elas não seriam pegadas fazendo algo de errado, algumas subiram nas mesas e cadeiras para poderem ver melhor.

– Enfim sós! Eu queria conversar contigo, Marcelo – desabafou o capitão.

– Pode falar. Aconteceu alguma coisa?

– Aconteceu, sim. Sabe o que é? O pai de um aluno veio aqui reclamar de sua doutrinação.

– Doutrinação?

– É, isso mesmo. E não é a primeira vez que isso acontece... já que uma mãe fez uma reclamação do tipo sobre a sua pessoa há um tempo.

– Como assim? Eu não tô entendendo. E por que você não veio me falar antes?

Mas Marcelo tinha entendido, sim. Ele pensou que a aula da semana anterior onde alguns alunos começaram a falar de comunismo poderia gerar esse tipo de problema. Só não quis acreditar. Neste momento, contudo, não era mais possível ignorar a questão, pois o problema bateu em sua porta. O professor se sentiu um animal encurralado diante da situação: ele não tinha para onde fugir, já que o capitão estava à sua frente. Não que ele tivesse esta coragem. Então olhou para Leonel em busca de apoio.

– E eu não tô aqui agora? Antes tarde que muito tarde pra resolvermos esse problema – disse Matos.

– Capitão Matos, que história é essa? Deve ter algum mal entendido – falou Leonel em prol de apaziguar a situação.

– Eu te dei permissão para falar? – questionou o capitão ao seu inferior.

– Não, capitão...

– Então fique calado, tenente!

– Mas, capitão...

Então Sérgio não conseguiu conter a sua raiva e deu um soco na cara de Leonel, que caiu e não reagiu. O golpe na face foi então acompanhado de um chute. O tenente não tinha nem mesmo o direito ao grito, pois ele estava abaixo na hierarquia militar e confrontar seus

superiores nunca deu em algo bom. E muito menos demonstrar fraqueza, assim só restou a ele fingir indiferença e apanhar calado.

A violência repentina fez com que as crianças na janela da sala de aula de Marcelo gritassem com medo. Sérgio Matos demorou um pouco para perceber a origem dos gritos, mas quando percebeu, ele caiu na realidade e interrompeu a cena violenta que criou. Então decidiu liberar o professor e o tenente, mas prometeu resolver o conflito depois. Em seguida, o capitão se encaminhou para a janela das crianças e emitiu uma ordem para que os alunos se sentassem e se calassem até a volta do professor à sala de aula.

O que nenhum dos três imaginou é que entre os olhares curiosos dos alunos na janela tentando entender o conflito dos homens estavam as lentes de uma câmera de celular gravando cada detalhe com os seus 24 megapixels. Era Pedro novamente por trás da gravação, que pensando no conselho do pai de “gravar doutrinações dos professores esquerdistas” acabou indiretamente ajudando a viralizar depois o caso em grupos de bate papo dos celulares das crianças e adolescentes da escola militar. Eventualmente, o conflito virou uma manchete em um jornal virtual com viés de esquerda. Um anônimo defendendo o arbítrio do capitão comentou: “Também, tinha que ser esquerdista. Olha aí a ‘vítima’ é professor de história. Alguma merda ele deve ter feito pras crianças da escola. Então que Brasil é esse que o policial só está fazendo o seu trabalho e ainda aparece um site de ***** desse pra falar mal dele? Fora esse outro policial aí confrontando o capitão devia estar sendo muito insubordinado.”, o xingamento foi automaticamente censurado com asteriscos pela configuração da seção de comentários. O jornalista por trás da notícia apurou o caso e informou que o professor foi demitido, já que não era sequer um funcionário efetivo na escola estadual militarizada. Enquanto que o tenente foi aparentemente mandado para outra divisão escolar. Ao capitão restou a promoção por punir a doutrinação em sua escola.

Recebido em: 25/04/2021 Aceito em: 09/06/2021